

XIII SALÃO DE
ENSINO

UFRGS

PROGRAD RELINTER
PROPG CAF
SEAD SAI

CONHECIMENTO FORMACÃO INOVAÇÃO
Salão UFRGS 2017

múltipla
UNIVERSIDADE
inovadora inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	O Bem Viver Kaingang e a Universidade: uma etnografia sobre o protagonismo dos estudantes indígenas Kaingang da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Autor	GEÓRGIA DE MACEDO GARCIA
Orientador	SERGIO BAPTISTA DA SILVA

RESUMO: O objeto desta pesquisa foi traçado em torno das iniciativas relacionadas à democratização do Ensino Superior, tendo como recorte as políticas afirmativas voltadas para o ingresso de estudantes indígenas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde 2015 venho em contato com alguns estudantes indígenas Kaingang que ingressaram nesta universidade pelo sistema de políticas afirmativas. Assim, de uma perspectiva da corporalidade e pensando o corpo indígena e não-indígena como uma superfície pública que é composto pelas mais diversas relações com as pessoas e com os objetos (STRATHERN, 2014 e 2016) vim buscando perceber qual a relação desses estudantes com a universidade e, por conseguinte, quais as suas demandas.

Permitida por uma etnografia multisituada (MARCUS, 2001) tive a oportunidade de estar junto aos estudantes indígenas Kaingang da UFRGS em diferentes momentos, dentro e fora da universidade, possibilitando-me, como exercício reflexivo, sobrepor contextos e valores. A minha estada na casa e no território da *Nĩnhpryg*, minha interlocutora principal, ex-estudante do curso de Serviço Social da UFRGS e, hoje, Assistente Social Indígena, na Terra Indígena do Votouro, localizada no norte do Rio Grande do Sul, Brasil, os diferentes eventos públicos que participei, que foram organizados pelos estudantes indígenas Kaingang, e as conversas em momentos mais particulares, vem revelando formas e práticas próprias de se relacionar e de ocupar esse espaço universitário.

Essa pesquisa investiga o protagonismo dos estudantes indígenas Kaingang da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que frequentam o Grupo de Acolhimento de Estudantes Indígenas, o qual eles chamam de Coletivo GAIN, buscando perceber as suas reivindicações desde uma perspectiva do que vem sendo apontado em campo como o modo de vida Kaingang ou “bem viver Kaingang”. Por um lado, as histórias que me são contadas condensam as dificuldades em traçar diálogos interculturais sinalizando alguns intrincamentos no diálogo entre a universidade e esses novos sujeitos, principalmente em função de uma certa incompreensão em perceber que os estudantes indígenas se diferem dos outros por seus sistemas de valores e de pensamento. Os relatos de algumas vivências da *Nĩnhpryg*, que falam sobre uma dificuldade em estar com a *Gakre*, sua filha, em alguns ambientes da instituição, representam entraves epistemológicos e apontam e direcionam o olhar para algumas burocracias, regras e lógicas que regulam o ambiente universitário. Conforme a *Nĩnhpryg*, a *Gakre* deve lhe acompanhar, pois é no acompanhamento do cotidiano dos pais que as crianças, brincando e percebendo o entorno da forma delas, sendo cuidadas por sua mãe, compartilhando o alimento, são educadas. É assim que se faz um corpo Kaingang.

Por outro lado, são espaços como o Coletivo GAIN que demonstram a possibilidade da construção de diálogos interculturais. O coletivo teve início em 2014 com algumas estudantes indígenas Kaingang e uma professora do curso de Serviço Social, mas logo estudantes indígenas Kaingang de outros cursos também começaram a frequentar, tornando-se referência para se encontrar e estar junto aos parentes Kaingang nesse contexto universitário, estudando e refletindo de forma coletiva não só sobre os textos, mas também sobre as experiências individuais. Além disso, organizam diferentes eventos, como a “Oficina o que é ser Índio?” e o “Encontro de Monitores e Professores”, que buscam aproximar o não-indígena da sua realidade, colocando suas demandas ao não indígena e demonstrando, através da contação de histórias, a dificuldade em conciliar a vida na cidade com o modo de vida Kaingang. O GAIN, parece-me representar uma ação que demonstra o protagonismo e a insatisfação desses alunos indígenas em relação às lógicas individuais de aprendizagem; a conquista de um espaço dentro da Universidade onde é possível trocar, dialogar e aprender do jeito Kaingang; e uma ferramenta de luta dentro desse contexto.

Há dificuldades e complexidades envolvidas na relação entre estudantes indígenas e a universidade, mas percebo que eles conquistam pessoas que são afetadas pela sua luta e passam a se tornar para além de amigos, aliados, demonstrando atitudes éticas perante a diferença. A *Nĩnhpryg* (2016), no seu trabalho de conclusão de curso, coloca que os estudantes indígenas Kaingang vem lutando para conquistar a universidade enquanto um espaço que também lhes pertence e que lhes reconheça enquanto coletivo, com diferenças que devem ser respeitadas e garantidas. Atualmente esses estudantes lutam por uma Casa de Estudante Indígena onde poderão estar com as crianças, onde poderão ser visitados pelos *kofás* (mais velhos), onde se poderá praticar, mesmo na cidade, o “bem viver Kaingang”.

Os resultados da pesquisa até o momento apontam a importância em perceber as transformações dos espaços e das novas práticas que vem acontecendo pela criatividade e protagonismo dos estudantes indígenas Kaingang. Como propõem Catherine Walsh (2007) é preciso pensar a diferença conforme o que esses sujeitos demonstram e não através da reprodução de valores ditos universais. Com isso, é importante atenção às suas demandas, pois elas são as ferramentas para lapidar a forma como se recebe e se investe na permanência desses estudantes indígenas na universidade.